

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS E LINGUÍSTICAS**

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
- Editora Unemat -

**EPLIT**  
Centro de Pesquisa  
em Literatura

**CEPEL**  
Centro de Estudos e Pesquisas em Letras

Programa de  
Pós-Graduação  
em Estudos Literários  
**PPGEL**

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva  
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2016 / Unemat Editora

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas  
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT: Unemat Editora, 2016.

387 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jan 2016 - Jun 2016). Vol. 20, ano 13, n. 1 (2016)

CDU: 81

### Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000  
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

**Vol. 20, Ano 13, nº 1 (2016)**

**ISSN: 2316-3933 (*online*)**

# **REVISTA ECOS**

Literatura e Linguística

Indexações:

Sumários de Revistas Brasileiras ([sumarios.org](http://sumarios.org))

Diadorim

Latindex

## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marques do Amaral

### **CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA** Agnaldo Rodrigues da Silva

#### **CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS**

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)  
Elza Assumpção Miné - USP  
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal  
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP  
Roberto Leiser Baronas - UFSCar  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP

#### **CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO**

Agnaldo José Gonçalves – UNESP  
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT  
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT  
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT  
Benjamin Abdala Junior –USP  
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT  
Eduardo Guimarães - UNICAMP  
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT  
Elza Assumpção Miné - USP  
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP  
Liliane Batista Barros - UFPA  
Luiz Francisco Dias - UFMG  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Mário César Leite - UFMT  
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP  
Nelly Novaes Coelho - USP  
Rita de Cássia Natal Chaves - USP  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP  
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT  
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras  
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



**ECOS**

**TEXTOS EM PORTUGUÊS**



AS VOZES DA CIÊNCIA NO GÊNERO VIDEOAULA DE  
 ESCRITA/REDAÇÃO CIENTÍFICA: UMA QUESTÃO  
 IDEOLÓGICA

THE VOICES OF SCIENCE IN GENDER VIDEO LESSON  
 WRITING / WRITING SCIENTIFIC: AN IDEOLOGICAL  
 ISSUE

Simone Cristina Mussio<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva observar as negociações de sentidos presentes no discurso científico posto no projeto de dizer dos enunciadores das videoaulas de escrita/redação científica, através dos cursos “Escrita Científica: Produção de Artigos de Alto Impacto” e “Método Lógico para Redação Científica”. Para isso, nos atemos em algumas considerações sobre a ciência moderna com a intenção de verificar as vozes da ciência que compõem tais enunciados em forma de vídeo. Pautamo-nos em uma análise com reflexões suscitadas no arcabouço teórico enunciativo-discursivo do Círculo de Bakhtin, que nos auxilia a compreender como a ideologia vigente em determinados campos científicos norteia o discurso e a produção de tais aulas no que tange aos modos de se escrever/redigir cientificamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vozes da ciência; Videoaulas de escrita/redação científica; Círculo de Bakhtin; Discurso; Ideologia.

**ABSTRACT:** This study aims to observe the negotiations of senses present in the scientific discourse inserted in the project say of the enunciators of scientific writing/essay video lessons, through the courses “Escrita Científica: Produção de Artigos de Alto Impacto” e “Método Lógico para Redação Científica”. For this, we stick on some considerations about modern science with the intention of verifying the voices of science that compose such statements in form de video. We guide our analysis with raised reflections by theoretical framework of the Circle of Bakhtin, which helps us to understand how the prevailing ideology in certain scientific fields guides the discourse and the production of such classes in relation to of ways write scientifically.

**KEYWORDS:** Science voices; Scientific writing/essay video lessons; Circle of Bakhtin; Discourse; Ideology.

1 Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Araraquara. Professora titular na Faculdade de Tecnologia de Jahu (FATEC JAHU). [simussio@yahoo.com.br](mailto:simussio@yahoo.com.br)

## Introdução

Este trabalho tem o intuito de perceber, através de uma análise bakhtiniana, a produção de sentidos que ecoa da linguagem verbal presente nas videoaulas de escrita/redação científica, referentes aos cursos “Escrita Científica: Produção de Artigos de Alto Impacto” e “Método Lógico para Redação Científica”, extraídos do *site* do *YouTube*. A partir deles, buscamos verificar como se dá o diálogo presente em tais videoaulas tendo em vista a definição de ciência adotada por elas. Para representar os excertos dos discursos dos “professores-apresentadores” dos cursos analisados, utilizamos as siglas EC (Escrita Científica) e RC (Redação Científica) nas análises efetuadas, assim como definimos, entre parêntesis, após os trechos transcritos, a quais aulas tais trechos se referem.

Por meio dessa prática, desejamos perceber quais são as vozes que ecoam neste campo das Ciências Naturais e Exatas, trazidas pelas videoaulas, já que o olhar do pesquisador dessa área recai sobre um objeto que, como nos mostra Bakhtin (2003, p. 394 apud RODRIGUES; LUNA, 2010, p. 294), “é coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro e pode ser totalmente revelada por um ato individual unilateral do outro”.

Pensar no diálogo travado destes dois cursos de escrita/redação científica requer perceber que os indivíduos professores que os apresentam interagem em seus dizeres, sendo capazes de transmitirem dizeres outros a seus destinatários (“alunos-usuários” do *YouTube*), como também de participarem de um amplo diálogo com a definição de ciência arraigada na dinâmica histórico-cultural da sociedade. Através de tais práticas, cumpre-se, assim, a principal função da linguagem, que é a de dar existência à sociedade através da interação e do diálogo entre os seres humanos e entre todo o conjunto social, cultural a que ela se vincula e está vinculada. Segundo esta visão sobre o caráter dialógico da linguagem, propiciado por sua natureza interdiscursiva, que Faraco (2012, p. 40), pautando-se nos esteios da teoria bakhtiniana, assevera que a linguagem é, portanto, “concebida como heteroglossia, como um conjunto de formações verbo-axiológicas”.

## As vozes ideológicas na construção de videoaulas de escrita/redação científica

Segundo Faraco (2009, p. 46), nos textos do Círculo, a palavra ideologia é usada para indicar o universo dos produtos do “espírito” humano. Segundo ele, alguns autores a denominam como cultura “imaterial

---

ou produção espiritual, chamada também, numa terminologia materialista, de formas da consciência social”. Ideologia para o Círculo de Bakhtin abrange um grande universo: a arte, a filosofia, a ciência, a religião, a ética, a política.

Todo produto ideológico nasce de uma realidade (natural ou social), possui um significado e reporta-se a algo que lhe é exterior, ou seja, é um signo. Um corpo ou mesmo um instrumento qualquer de produção são, por exemplo, simplesmente um corpo e um instrumento de produção; não significam necessariamente. Não sendo, pois, ideológicos, podem ser compreendidos de formas significantes e, dessa maneira, munidos de simbolismo, passam a refletir e a refratar possíveis outras realidades e a representarem algo (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006).

Contrário à filosofia idealista e à visão psicologista da cultura, o Círculo de Bakhtin critica correntes que defendem que a ideologia é um mero fenômeno de consciência individual; assim atenta-se para o fato de que, para que um signo seja incorporado, ele, antes, aproxima-se de outros signos já conhecidos. Compreende-se um signo a partir de outro. A consciência individual se produz com base nesse sistema semiótico, impregnando-se de ideologia. Contudo, ela só aflora no processo de interação social. Interação pautada em um sentido de unidade mesmo, em que um determinado grupo, socialmente organizado, possui um sistema de signos inteligível entre seus membros. Portanto, a consciência individual é um fato socioideológico.

A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista e ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode se derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 34).

Uma vez que o signo e a enunciação são constituintes de uma natureza social, Bakhtin e seu Círculo buscam desvendar em que medida a linguagem passa a determinar a consciência e a atividade mental, bem como também almejam destacar como a ideologia determina a produção



dos enunciados nas diferentes esferas de atividade humana. Sendo assim, valorizam a fala, a enunciação, afirmando sua condição social estritamente ligada às estruturas sociais. Destacam a palavra como a arena onde são confrontados os valores sociais opostos, mostrando como os conflitos da linguagem refletem os conflitos de classe no interior do sistema. A comunicação verbal, sendo inerente a outras formas de comunicação, enreda conflitos, relações de dominação e de resistência, bem como a própria utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder. A entonação expressiva, a modalidade apreciativa, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada afetam a significação. O signo é, por natureza, vivo e móvel, plurivalente; todavia, a classe dominante tem interesse em torná-lo monovalente.

A enunciação concebe a realidade da língua como estrutura socioideológica. Ela não acontece fora de um contexto social, já que cada locutor possui um “horizonte social”; há, então, sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um destinatário bem definido, e a palavra, signo ideológico por excelência, veicula, de maneira privilegiada, a ideologia. Esta sendo uma superestrutura faz com que as transformações sociais da base reflitam-se por meio dela, bem como pela língua que as veicula. A palavra funciona como um “indicador” das mudanças sociais. A língua passa a ser definida como a expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta e servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material, podendo-se dizer que a filosofia burguesa contemporânea está se desenvolvendo sob o signo da palavra.

É importante salientar que as bases de uma teoria marxista da criação ideológica – as dos estudos sobre o conhecimento científico, a literatura, a religião, a moral, etc. – estão estreitamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem. Um produto ideológico está associado a uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, todavia também reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior, pois “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN/VOLSHINOV, 2006, p. 29, grifo do autor).

Com isso posto, podemos notar que tudo que é ideológico é um signo e sem signos não há ideologia. Apenas um corpo físico não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. No entanto, qualquer produto de consumo pode, da mesma maneira, transformar-se em signo ideológico. Como exemplo

---

dado pelos autores, tanto um instrumento de produção, como a foice e o martelo, ao apenas desempenhar sua função na produção, bem como um produto de consumo, como o pão e o vinho, não possuem um sentido preciso, portanto, enquanto tal, não são exatamente um signo. No entanto, a foice e o martelo, presentes no emblema da União Soviética, assim como o pão e o vinho, utilizados no sacramento cristão da comunhão, podem constituir-se como signos ideológicos ao tornarem-se símbolos políticos e religiosos. Logo,

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p. 30).

Ademais:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 31).

Desse modo, cada signo ideológico é não somente um reflexo da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade, pois “todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 31). Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo, sendo um signo um fenômeno do mundo exterior.

Ainda segundo os autores acima citados, a ideologia não pode derivar da consciência, como é pregado pelo idealismo e o positivismo psicologista. A consciência passa a adquirir forma e existência a partir dos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são, pois, o alimento da consciência individual, a maté-

ria de seu desenvolvimento, e esta reflete sua lógica e suas leis. Consoante esta vertente marxista da linguagem, a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social, logo, caso privemos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, nada resta. “A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p. 34).

Assim, cada um dos sistemas de signos é específico de alguma esfera particular da criação ideológica, de forma que cada domínio congrega seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. Distinguindo signo de palavra, vemos que o signo é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela, já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode, todavia, preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 36).

Busca-se assim saber como a realidade (infraestrutura) determina o signo, bem como o signo reflete e refrata a realidade em transformação, uma vez que compreendemos que todo signo resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação condicionado tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições estabelecidas para que a interação ocorra. Uma alteração nesta forma resulta na modificação do signo. Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 43, grifo do autor) assevera que é esta justamente uma das tarefas das ciências e das ideologias: estudar a evolução social do signo linguístico. Assim, para a passagem do ser ao signo, explicita as seguintes regras metodológicas:

1. *Não separar a ideologia da realidade material do signo* (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).

2. *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material* (infra-estrutura).

Portanto, concretizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e, por conseguinte, também o signo linguístico, vê-se demarcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social específico. Todavia, além de tratarmos as formas do signo determinado pelas formas da interação social, observaremos as questões atreladas às questões do conteúdo do signo e do *índice de valor* que afetam este conteúdo, haja vista que em “cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 44).

Todavia, é importante lembrar que a análise da ideologia nas sociedades modernas é uma tarefa bastante difícil, uma vez que sua manifestação aparece, às vezes, de forma explícita, e, em outras, de forma tão sutil, que passa quase despercebida, pois as formas simbólicas são muitas e seu entrecruzamento com as relações de poder ganha uma dimensão ainda maior. Diante disso, para estudar a ideologia é preciso estudar, também, as maneiras como o sentido, mobilizado pelos signos ideológicos, pelas formas simbólicas, pelo discurso e pela linguagem, serve para estabelecer e sustentar relações e o exercício do poder. A linguagem é o terreno sensível pelo qual e no qual é possível rastrear as ideologias dominantes e as relações de poder que trazem em seu bojo através de inúmeras vozes sociais.

Como para o Círculo de Bakhtin, cada ato de enunciação é composto por distintas “vozes”, cada ato de fala é abarrotado de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, constituído de vários discursos. Estas vozes dialogam dentro do discurso, e este diálogo é, pois, construído na história e socialmente. Assim, é através dele que se dá a construção da consciência individual do falante, pois, segundo os pressupostos desta teoria, só pensamos graças a um contato permanente com os pensamentos alheios, pensamentos estes expressos no enunciado. Dessa forma, a consciência individual é derivada de um diálogo de interconsciências.

É válido ressaltar que o conceito de ideologia para os teóricos russos está diretamente relacionado com a materialidade histórica, nos

enunciados concretos que operam nas esferas ideológicas ou nos campos da atividade humana e é, sem dúvida, diretamente ligado ao conceito de cultura. O conceito de ideologia no Círculo está em consonância com os conceitos de esfera ideológica, de signo ideológico, como observa Medviédév na obra “O Método Formal nos Estudos Literários”:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48-49).

Para o autor, a vivência em situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros do discurso exercitam a competência linguística do produtor de enunciados. É esta competência dos interlocutores que auxilia no que é ou não aceitável em determinada prática social, sugerindo que quanto mais experiente for o sujeito, mais hábil será na diferenciação dos gêneros e no reconhecimento do sentido e da estrutura que os compõem. É por esse motivo que o sujeito enunciatador das videoaulas (“professor-apresentador<sup>2</sup>”) deve adotar uma postura diferenciada daquela aula ministrada presencialmente, pois se trata de outro gênero. Por assumirem finalidades distintas e serem inseridas em contextos diferenciados, tais gêneros são ressignificados de acordo com a esfera em que estão inseridos. Bakhtin (1997) compreende, assim, que os diferentes usos da linguagem (em suas diversas semioses), por meio de diferenciados gêneros, efetuam-se na forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos participantes das interações sociais que ocorrem em determinadas esferas de atividades. Tais esferas não apenas saturam e significam os enunciados de determinadas projeções ideológicas, como os consubstanciam de determinadas condições de produção e finalidades discursivas, que se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição dos enunciados, segundo já explicitamos anteriormente.

O domínio do ideológico se ajusta com o domínio dos signos: são, pois, mutuamente correspondentes. Onde os signos coabitam, coa-

2 A expressão “professor-apresentador” será utilizada durante toda esta análise para aludir ao locutor das videoaulas que, em razão da intersecção das esferas de atividades proporcionada por este gênero, exhibe a imagem não apenas do professor que ensina, mas também daquele que tem como meta a venda de um determinado produto ou serviço.

bita também o ideológico, por meio de um valor semiótico. A ideologia pode ser vista como visão de mundo, concepções religiosas, jurídicas, filosóficas, estéticas, em um sentido bem amplo. O conceito de ideologia é sustentado pela noção de vozes que se enfrentam em um mesmo enunciado e que representam os diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que atravessam a enunciação. Dessa maneira, as vozes são sempre vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que reagem, isto é, que compreendem ativamente os enunciados. Assim, o percurso temático desenhado pela metáfora das vozes na obra de Bakhtin autoriza definir, de forma materialista, as relações dialógicas que se estabelecem entre os sujeitos e os enunciados na interação verbal, adquirindo, por consequência, determinada espessura histórica.

Tais vozes operam por meio da língua através de duas forças opostas: a centrípeta (de centralização) e a centrífuga (de dispersão). Ambas atuam confrontando-se e a enunciação traz o ponto de aplicação de tais forças. Nesse sentido, as forças centrípetas agem em prol da centralização, da unificação, da estabilidade, para a manutenção do paradigma vigente. As entidades conservadoras (como as instituições religiosas ou mesmo a própria gramática) podem ser consideradas forças centrípetas que operam nas instâncias ideológicas da sociedade. Em contrapartida, vemos as forças centrífugas que confrontam os eixos centralizadores e sinalizam para o múltiplo, para a ruptura. Segundo Faraco (2009), o diálogo, no sentido amplo do termo (o simpósio universal), deve ser compreendido como um imenso espaço de luta entre as vozes sociais (uma espécie de guerra dos discursos).

As forças centrípetas situam-se em discursos que tendem a dissipar a diversidade e são monologizantes, ou seja, não concebem a diversidade. As centrífugas combatem a unilateralidade, corroendo continuamente os esforços de centralização discursiva. E, retomando a questão do enunciado vista anteriormente, podemos observar, através dos dizeres de Bakhtin (1998, p. 82), como essas forças atuam nele, uma vez que “cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas”.

Tomando como baliza a questão das forças que imperam na sociedade, Bakhtin/Voloshinov (2006) assevera que todas as vozes no contexto social estão intimamente ligadas à tomada do poder. Ademais, observamos que tais disputas imperam em distintos cenários da sociedade, retratadas não só na luta de classes entre o rico e o pobre, o branco e o negro, mas entre as Ciências Naturais e Exatas e as Ciências Humanas,

entre a aula convencional e a digital, entre o privado e o público, etc. É por isso que todo discurso carrega consigo o conflito entre as vozes sociais, marcadas pelos embates ideológicos e pela ausência da neutralidade.

Segundo os postulados da teoria bakhtiniana (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006), o outro não se apresenta apenas de forma análoga ao sujeito, mas está presente internamente na constituição da linguagem do próprio sujeito. Em cada palavra que enunciamos, esta relação dialógica está presente na fala do outro, de maneira assertiva ou mesmo contraditória, pois tais posicionamentos estão pautados em escolhas valorativas baseadas em diferentes posições ideológicas. Há, assim, a presença de vozes sociais que buscamos combater, contradizer ou mesmo contrapor, devido ao próprio contexto no qual estamos envolvidos; contudo, muitas vezes, fazemos uso de tais vozes ainda que para rejeitá-las. Logo, todo discurso está imerso em distintas vozes sociais, vozes que se enlaçam, mas que também se digladiam, pois estão intimamente ligadas ao posicionamento ideológico de distintas instituições.

### **Vozes científicas da ciência moderna: um eco na atualidade**

Depois de refletirmos sobre a constituição das vozes ideológicas instauradas nas videoaulas a serem analisadas, não poderíamos nos eximir de um breve comentário sobre as vozes da ciência que compõem os diálogos e discursos presentes na construção da escrita/redação científica, tema do gênero do discurso estudado aqui, as videoaulas sobre escrita/redação científica. Compreender o cenário científico, em especial, o discurso científico, pressupõe entender os conceitos vigentes de ciência, os métodos estabelecidos, as regras elaboradas segundo determinadas finalidades, as relações entre paradigmas e as revoluções científicas que se fazem ecoar na constituição e disseminação do nosso *corpus* do nosso trabalho. Por essa razão, para elucidar tais fatos, recorrer à epistemologia se torna algo imprescindível.

No senso comum, ciência é uma maneira peculiar de produzir conhecimento objetivo. Objetividade, ainda pelo viés desse senso comum, opõe-se à subjetividade, sendo independente das posições (ou opiniões) de um sujeito qualquer. Nesta ótica comum, tal forma de conhecimento retrata questões da realidade e não opiniões desse ou daquele indivíduo ou grupo social. O conhecimento científico, por meio dessa visão, se sobrepõe a aspectos da subjetividade, por isso é que o estilo típico do discurso da ciência se encontra em frases do tipo “a ciência demonstra que...” ou “cientistas comprovaram...”. Cabe aos métodos científicos o atributo de



---

diligenciar a realidade, de desvelar suas regularidades e leis. Adotar um método científico seria o melhor modo de se chegar à verdade, de constatar, para além das meras opiniões, o que acontece, de fato, na realidade.

Todavia, esse consenso, essa imagem de ciência tem uma história, pois foi arquitetada analogamente com a gênese da chamada ciência moderna e é exemplificada pela física newtoniana. Nela ecoa a voz de uma já secular aspiração da civilização ocidental: a de erigir uma forma de conhecimento universal, cuja validade transcenda as diferentes culturas humanas. Contudo, diante do viés da filosofia, da sociologia das ciências, bem como da própria história, esta imagem de ciência nem sempre se sustenta. Por esse motivo, após uma breve explanação sobre seu senso comum, passemos agora a explicar a origem da ciência.

A ciência moderna, como se concebe hoje, é baseada em um conjunto de conhecimentos com características e métodos próprios de abordagem. Originou-se a partir do século XVI, com Galileu, Bacon e Descartes, dando início à racionalidade matemática e ao rigor metodológico através de ferramentas que proporcionariam às ciências a previsibilidade mediante experimentos e cálculos (CHIBENI, 2013).

Essa racionalidade desencadeou nas Ciências Naturais e Exatas o uso constante de tais ferramentas em busca do reconhecimento dito científico. Contudo, cabe aqui ressaltar que esse discurso ainda hoje se faz extremamente presente entre os cientistas de tais ciências, provocando o *embate destes* com os cientistas de outras áreas.

A eclosão da ciência moderna (séculos XVI a XVIII) ficou marcada não apenas pelo desenvolvimento de novos procedimentos de investigação, mas pelo descobrimento de novos fenômenos e, principalmente, pelo desenvolvimento de distintas teorias capazes de explicá-los. Tais teorias contribuíram para uma nova visão científica do mundo, confrontando-se veementemente com a visão (até então predominante) advinda do amálgama de elementos da filosofia antiga e da filosofia e religião medievais.

Sobretudo, por intermédio de Descartes, alicerçou-se uma perspectiva teórica denominada mecanicismo, que serviria como cenário de toda a ciência nos séculos XVII, XVIII e XIX. Descartes e seus sucessores próximos utilizaram-se de um programa de investigação, que forneceria material de pesquisa, por vários séculos, às mais diversas áreas da ciência, incluindo-se aí áreas como a química e a própria biologia. Inegavelmente, parte desta suposta excepcional fertilidade se devia ao fato de propor uma



base extremamente simples para o alcance dos ideais metodológicos principais da nova ciência: a matematização (CHIBENI, 2013).

### **Análise do discurso presente nas videoaulas de escrita/redação científica**

No caso do nosso objeto de estudo, as videoaulas sobre escrita/redação científica inseridas no *YouTube*, podemos notar como estas significam de acordo com o seu contexto de constituição, de forma a deprendermos os modos de constituição da ideologia ali vigente – em suas distintas esferas de atuação –, bem como os propósitos de sua enunciação. Nessas videoaulas, podemos perceber como as ideologias manifestam-se através de vozes que são constituídas pela realidade e constituintes da realidade.

Nesta esteia de entendimento, é possível observarmos que sua concepção material e de exibição, no que concerne aos modos de produção de uma aula em vídeo inserida na internet, é apenas consequência dos valores ecoados pela ciência, pela academia, pela mídia, bem como pelo próprio capitalismo, já que, numa sociedade, posicionamentos sobre determinadas questões levam em conta interesses de grupos sociais distintos. Por essa razão, baseamo-nos nos dizeres de Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 40) ao asseverar que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”.

No ato da criação, ou da apresentação dos enunciados postos nas videoaulas sobre o fazer científico, há um constante deslocamento de vozes presentes na história da própria ciência. Nesse sentido, o discurso do “professor-apresentador” não se caracteriza como uma voz única, exclusiva e direta, mas sim é visto como um ato de apropriação de vozes refratadas de vozes sociais, afinal, como foi dito por Authier-Revuz (1982, p. 141), “por trás de uma aparente linearidade, da emissão ilusória de uma só voz, outras vozes falam”.

Em nosso *corpus*, a concepção de ciência trazida pelas videoaulas dialoga abertamente com a concepção de ciência pautada em “um conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis, modelos, etc.” (FREIRE-MAIA, 1998, p. 24) que se dá através de uma metodologia científica lógica, específica. Este tipo de cientificidade, ancorado em modelos científicos, se faz presente no próprio título de um dos cursos sobre escrita/redação científica, denominado “Método Lógico para Redação Científica”. Olhando por esse prisma, vemos como essa concepção de ciência

... significa um determinado tipo de conhecimento já consagrado como a Física, a Química, a Biologia, etc. Significa a atividade através da qual se obtém este conhecimento (“fazer ciência” = realizar uma determinada atividade científica). Significa também o conjunto de pessoas empenhadas na atividade científica: “a comunidade científica”. Quando se diz que a “ciência aceita a tese de que há outros mundos também habitados”, está se querendo dizer que a comunidade dos cientistas (ou parte dela) aceita esta tese, pois obviamente não há ainda um estudo científico, no sentido convencional do termo, sobre outros mundos habitados (CHAGAS, 1987, p. 232).

Vemos como as videoaulas materializam o sentido que o homem dá ao seu universo social em determinada circunstância espaço-temporal. Assim, é legítimo inferir que os dois cursos, materializados em aulas em vídeos, sobre escrita/redação científica, fornecem pistas não só como tais “professores-apresentadores” concebem o estatuto da ciência, mas como esta voz procura, em seus dizeres, adentrar também no bojo de outras áreas, postulando verdades inquestionáveis e ditando as regras concebidas na própria gênese da ciência moderna.

É possível ponderar ainda, à luz do dialogismo, que os sentidos produzidos a partir de tais enunciações são materializados no processo de interlocução que estas videoaulas mantêm com a sociedade que as cerca, num movimento de inter-relacionamento, influências, diálogos em determinado momento do tempo e do espaço. As videoaulas youtubianas, apresentando-se por meio do desenvolvimento de um gênero relativamente atual e amparadas tecnologicamente por este mundo digital, auxiliam na divulgação e disseminação de inúmeras vozes e pensamentos. É, portanto, neste lugar de interação, que, segundo a perspectiva adotada, através de consciências socialmente construídas, o enunciado é organizado por meio de complexas coordenadas espaço-temporais. Desse modo, assim como a globalização e o desenvolvimento tecnológico também subverteram as noções de espaço/tempo, as aulas precisaram também se modificar para se ajustarem neste novo tempo. Mas, voltemos à questão da ciência.

Bakhtin (1997, p. 413) ao dizer “De minha parte, em todas as coisas, ouço as vozes e sua relação dialógica”, concebia a palavra comportando duas faces: o fato de ela se dirigir a alguém, bem como o de proceder de alguém segundo dizeres já ditos no tempo. Tendo em vista essa questão, podemos observar como as falas dos professores das videoaulas se moldam de acordo com o contexto em que estão situadas, as Ciências

Naturais e Exatas, e a construção deste tipo de ciência ao longo do tempo. Logo, as compreensões responsivas assumidas por aqueles que assistem aos seus discursos estão enviesadas ao tipo de posicionamento ideológico assumido pelos professores. Assim, a comunicação, pautando-nos neste entendimento, não é a expressão de algo (pré-existente e interior) por alguém a alguém através de palavras – o que a designaria como um mero instrumento. A comunicação, ancorada como realidade fundamental da língua, é justamente o processo de expressar-se em relação ao outro e está envolvida de valores ideológicos que produzem os discursos e configuram a dinâmica da interação verbal/discursiva.

O indivíduo que fala nas videoaulas de escrita/redação científica, no caso os “professores-apresentadores”, parte de conteúdos já estabilizados, tanto em relação à estruturação de se escrever/redigir cientificamente, como de que maneira se deve escrever/redigir, uma vez que se está dentro de um determinado tipo de ciência específica, que prioriza uma compreensão compartilhada por um grupo social privilegiado, vinculado a uma visão de mundo considerada dominante. Desse modo, este tipo de compreensão orienta um olhar para o estilo nas videoaulas de escrita/redação científica selecionadas, marcado pela unificação e pela centralização de determinadas ideologias, chamadas por Bakhtin de forças centrípetas da vida social, linguística e ideológica. Vejamos como se constituem os trechos abaixo:

EC1: “[...] Do ponto de vista histórico... quando começou esse gênero literário? Quando começou a tomar forma a escrita científica né... mais ou menos nos moldes que nós temos hoje? A gente pode voltar um pouco... lá pelo século XVIII, XIX... e pensar que nessa época as ciências já tavam... mais ou menos... separadas... a Física da Química... e a gente já tinha grandes avanços em várias áreas aí né... das ciências... e é claro que havia divulgação de resultados dos cientistas entre esses pares né... mas era através de documentos bastante informais né... onde tinha um modelo de escrita muito diferente desse modelo que a gente encontra hoje nos artigos científicos [...]”. (Módulo 1)

RC1: “[...] E o objetivo principal é fornecer pra vocês um panorama que permita vocês entenderem melhor o processo de construção de ciência... de ciência empírica... o processo de construção de um artigo científico... que é na verdade o desdobrar da ciência pro texto né... então ciência forte... leva a textos fortes... ciência fraca... leva a textos fracos...

---

quando a ciência fraca leva a textos fortes é enganação... e não é essa a proposta [...]”. (Aula 1)

Observando tais excertos, ressaltamos, assim, a ideia neles inserida de que este gênero científico, o artigo científico, constituído por uma escrita/redação científica, tem sua origem no momento em que as Ciências Naturais e Exatas traziam grandes descobertas para a sociedade. Analisando o fragmento EC1, vemos nitidamente como este enunciado, além de tratar a questão da escrita científica como um modo de escrever mais aprimorado, alia o surgimento da ação de se escrever cientificamente nos moldes atuais às revelações e conquistas atreladas ao campo das ciências, como é o caso da Física e da Química, por exemplo. Dialoga, desse modo, não apenas com o excerto RC1, ao aludir que o processo de construção de ciência, com destaque às Ciências Naturais e Exatas, deve ser comparado ao processo de construção do próprio artigo científico, provavelmente através de métodos lógicos (como é o próprio nome do curso), mas com a voz da própria ciência moderna constituída há séculos.

Essa voz que produz um elogio das ciências aqui chamadas de “fortes” não é recente, faz-se presente desde os séculos XVI e XVII, quando surge o questionamento da filosofia da ciência sobre o critério de demarcação entre o que é considerado “ciência”, “não ciência” e “pseudociência”.

Através da obtenção de consideráveis incrementos firmados no poder de predição e explicação dos fenômenos, segundo o ecoar da voz de Francis Bacon, arraigou-se a ideia de que o sucesso da ciência era devido à adoção do método científico, que diferenciava a ciência dita genuína da atividade não científica. Propôs-se que a investigação científica deveria consistir na elaboração, com base na experiência, de extensos catálogos de observações neutras dos mais variados fenômenos, devendo a mente do cientista estar limpa de todas as ideias que adquiriu dos seus educadores, dos teólogos, dos filósofos, dos cientistas; ele não devia ter nada em vista, a não ser a observação pura, bem como as leis científicas deveriam ser extraídas do conjunto das observações através do método indutivo (SANTOS, 1997).

Contudo, muitas foram as críticas dirigidas a esse pensamento, pois conforme Santos (1997, p. 13): “ao contrário do que pensa Bacon, a experiência não dispensa a teoria prévia, o pensamento dedutivo ou mesmo a especulação, mas força qualquer deles a não dispensarem, enquanto instância de confirmação última, a observação dos fatos”. Diante disso,

este tipo de afirmação racional e empírica de que a ciência se inicia por observações apresenta alguns percalços, uma vez que para que o cientista comece seus experimentos, ele sempre deverá ter uma ideia de como aquilo será por ele analisado. Conforme comenta Chibeni (2013, p. 5) “se não tivermos nenhuma diretriz teórica para guiar as observações, estas nunca poderão ser concluídas, já que a rigor teríamos que considerar uma infinidade de fatores”. Com relação à suposta neutralidade das afirmações apresentadas no discurso científico, o autor ainda destaca que

... em certo sentido, a apreensão da realidade se faz parcialmente mediante “recortes” próprios de cada observador, determinados por sua experiência prévia, as teorias que aceita, os objetivos que tem em vista. A tarefa de isolar elementos completamente objetivos, ou pelo menos intersubjetivos, em nossas experiências está envolta em dificuldades maiores do que se supôs nas etapas iniciais do desenvolvimento da filosofia empirista moderna, quando se propunha que o material básico de todo conhecimento era um conjunto de “ideias”, “impressões”, “conceitos” ou “dados sensoriais” comuns. Parece que em cada ocasião em que a mente interage com algo, esses dados sensoriais já vêm inextricavelmente associados a interpretações condicionadas pelos fatores apontados (CHIBENI, 2013, p. 5).

Considerando os dizeres de Chibeni (2013), é oportuno salientar que nem por isso toda observação se pautará em completo subjetivismo, mas também não é possível negar as singularidades presentes de cada cientista. Assim, o discurso sobre a ciência, forma histórica concebida no decorrer do tempo, faz-se ouvir através de suas inúmeras vozes, dirige-se a um destinatário (ou vários destinatários) e impõe uma atitude dialógica, a fim de que os vários sentidos, distribuídos entre as vozes, possam aflorar. Nesse horizonte discursivo, é perceptível como o discurso e seu concerto perenal de produção e efeitos de sentido não são objetos pacíficos e passíveis de submissão ao monologismo de uma teoria (ou uma ciência) acabada.

É por este motivo que vemos as distintas mudanças nas concepções da ciência ao longo do tempo. É por essa razão que por mais que impere uma voz social e ideológica que ordena a racionalidade e objetividade científica nas videoaulas de escrita/redação científica, por meio de regras de construção de um artigo de alto impacto, como visto no curso de Escrita Científica, ou por meio de uma escrita lógica fundamentada no raciocínio exato, trazido pelo curso de Redação Científica, ela sempre estará em tensão existente entre as forças de unificação (centrípetas) e de

descentralização (centrífugas) das ideologias, bem como sobre o próprio fazer científico. Não há, portanto, uma realidade com uma estrutura dada, uma representação mental “correta” deste fazer científico. A ciência se compõe como uma atividade ininterrupta, um campo de forças criado pelo embate das forças centrífugas, que impelem ao movimento, à história, ao devir, bem como por forças centrípetas, que opõem resistência à história e primam pela imutabilidade, pela mesmice, contrapondo-se ao movimento das forças sociais. Tais forças atuam no campo das relações sociais, das classes econômicas e das culturas, por esse motivo, para discutir essas questões, é necessário sair do terreno do imóvel, do dado, do estabelecido, do único e do indivisível e atrever-se a um terreno movediço, onde nossas certezas teriam que ser derrocadas para dar lugar ao imprevisível, ao vir a ser. É por isso, talvez, que, muitas vezes, os sujeitos buscam agarrar-se a imagens de uma ciência estável e imutável, como aquelas trazidas pelas videoaulas, uma vez que estas lhes dão maior segurança e estabilidade. Isso talvez explique a grande quantidade de acessos que têm as videoaulas de nosso *corpus*.

É pela infinitude das inter-relações dialógicas e das multiplicidades de vozes que a concepção de ciência, inserida nas videoaulas de escrita/redação científica, se constitui. É ao lado desta voz racional e que defende a objetividade que se ouve outra voz que, em curso de escrita/redação científica, discute formas de se ensinar essa escrita/redação. Vejamos o trecho a seguir, em que o professor Gilson Volpato cita que não pautará o seu curso “em regrinhas”.

RC2: “[...] Bom... antes de começarmos a fase seguinte do curso onde nós vamos ver a estruturação do artigo né... como fazer cada parte tal... nós já tivemos uma série de aulas sobre as bases teóricas que nós vamos usar para a estruturação do artigo... porque a proposta que eu tenho apresentado é exatamente essa... não adianta dar regrinhas pra vocês fazerem um artigo... vocês têm que entender o processo de construção do texto... o processo de fazer ciência [...]”. (grifo nosso) (Aula 25)

RC3: “[...] Então a proposta é que pra tratar a questão da redação científica não basta nós ensinarmos regrinhas... não basta nós ensinarmos meios práticos pra vocês fazerem um bom texto... ou não basta nós simplesmente corrigirmos o seu texto né... eu posso pegar uma empresa por

exemplo pra corrigir um texto... fica bom... fica legal... mas e a formação do indivíduo? Se nós pensamos em ciência nacional... se nós pensamos em colocar o Brasil num panorama... num patamar razoável da ciência internacional... nós precisamos zelar pela formação profissional dos nossos cientistas né... isso vai muito além da especialidade... certo? [...] por isso que o curso tem que ser um curso pra formar cientistas e como consequência redação científica e não simplesmente dar macetes pra fazer regrinhas e construir um texto científico né... há quem faça isso... eu discordo plenamente... eu acho que nós temos que pensar na formação do indivíduo [...]”. (grifo nosso) (Aula 1)

Nos trechos acima, vemos, claramente, a contrapalavra do “professor-apresentador” àqueles discursos outros (ou cursos outros) que ainda se perfilam em aprender os trejeitos da escrita/redação científica através de regras e macetes calcados em situações desconexas. Para isso, destaca a necessidade de ser cientista (de conhecer a lógica da ciência) para realmente saber redigir cientificamente. Nesse sentido, para ser cientista, segundo se infere da fala do professor, é necessário dialogar com os parâmetros de se fazer a ciência já dita e instaurada na sociedade (ou com a própria produção de seu curso “Método Lógico para Redação Científica”). Contudo, em seu discurso, ele oscila entre a formulação de modelos e regras, o que o faz destoar da voz do “professor-apresentador” em não querer se ater a determinadas “regrinhas”, como ele afirma no trecho já citado. Ele, preso ao padrão prescritivo, busca livrar-se dele e se contradiz. Entendemos que os valores da prescrição, presentes na esfera pedagógica, prevalecem sobre os valores do discurso científico que valoriza o “saber-fazer do cientista”. Nesse caso, a força centrípeta prevalece. Vejamos alguns excertos da aula de “Escrita Científica: Produção de Artigos de Alto Impacto”:

EC2: “[...] Então vamos lá... nós vamos tentar propor aqui... de alguma forma... modelos pra se escrever... um bom... uma boa seção de resultados e discussão... na verdade a gente não vai propor modelos... a gente vai fazer é usar a literatura... eu já selecionei um ou dois bons artigos científicos e a gente então... com base nesse texto... vai tentar sugerir... informações extremamente relevantes que deveriam aparecer numa boa seção de resultados e discussão [...]”. (grifo nosso) (Módulo 4)

EC3: “[...] Ainda na questão de estilo... a gente pode dizer que principalmente nos grandes artigos... nos artigos de alto impacto... se percebe uma maior frequência dos textos escritos na terceira pessoa... são



menos... digamos pessoais... ou mais impessoais né... então essa é uma tendência que se percebe nas grandes publicações... então ao invés de escrever ‘*In our analysis we observed that the virus incorporated into the cells*’... talvez caberia ou ficaria melhor ‘*Analysis revealed that the vírus incorporated into the cells*’... ou seja... na terceira pessoa o texto fica um pouco mais agradável pro leitor né... um pouco mais fácil... e mais rápido pra que as ideias cheguem à mente do leitor... então essa é uma tendência que a gente vê em várias áreas científicas e nas boas publicações [...]’ (grifo nosso) (Módulo 5)

Nos excertos acima, vemos a dissonância de vozes entre um possível dizer moderado do “professor-apresentador-cientista” e o dizer prescritivo da esfera didático-pedagógica. Como pode ser visto no EC2, o professor enuncia sobre o fato de propor modelos para se escrever cientificamente de forma correta, todavia, logo em seguida, retifica-se sobre esta questão e diz não se ancorar em modelos; contudo, sequencialmente, comenta sobre já ter selecionados bons modelos de artigos científicos, os quais podem servir como exemplo na extração de relevantes informações para a composição de seções significativas deste tipo de gênero. Vemos ecoar no seu discurso a voz de um “querer-dizer” que dialoga com o discurso da permissividade, da complacência – refletido até mesmo pela escolha do verbo “sugerir” em vez de “ordenar” (EC2: “... e a gente então... com base nesse texto... vai tentar sugerir... informações extremamente relevantes...”) – tão presente na contemporaneidade, mas que se porta como um discurso mítico de liberdade, uma vez que apesar de verbalizar a ação de não querer fazer seguir modelos, acaba por ancorar-se neles na atividade didática.

O mesmo acontece no EC3 ao comentar sobre o uso da terceira pessoa do singular nos artigos científicos. Apesar de o professor não impor determinadas formas de pessoalização em detrimento de outras, mas se utilizar de expressões modalizadoras como “talvez caberia” ou “ficaria melhor” o uso de determinada pessoa, após tais comentários, tem-se, claramente, as formas que realmente devem ser utilizadas, acopladas ao fato aludido de serem estas as que mais estão presentes nas melhores publicações (EC3: “na terceira pessoa o texto fica um pouco mais agradável pro leitor né... um pouco mais fácil... e mais rápido pra que as ideias cheguem à mente do leitor... então essa é uma tendência que a gente vê em várias áreas científicas e nas boas publicações...”).



Notemos, neste excerto (EC3), que o “professor-apresentador”, apesar de ditar as formas a serem seguidas, o faz em tom de sugestão, ou seja, em tom que propõe atitude não obrigatória. A presença das expressões acima destacadas (“talvez caberia” ou “ficaria melhor”) marca em um discurso prescritivo uma voz que ecoa na busca de atenuá-lo.

Vemos, dessa maneira, na constituição discursiva de tais enunciados, a seleção de modelos e estruturas corretamente estruturados como uma forma de prescrever modos como este tipo de escrita deve ser seguido. No entanto, é possível notar também uma voz inserida neste discurso que tenta camuflar este teor normativo imposto por esta temática. É, portanto, neste jogo de vozes que Bakhtin (1979 apud BRAIT, 1994, p. 14) já dizia: “Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala”.

Tais são algumas distintas vozes presentes neste discurso. Elas dialogam com o que é fazer ciência – vejamos como o professor Volpato relaciona a escrita do artigo às concepções de ciência que se faz. Ademais, ele valoriza uma forma de fazer ciência em detrimento de outra. Observemos os trechos na sequência:

RC4: “[...] Essa palavra eu uso ou não uso? Depende... ela não pode ser incoerente... é muito comum você pegar textos que têm coisas ali sobrando... coisas que não usa... que não precisa [...] pra você fazer um texto claro... ele tem que ter um discurso coerente... guiado por norteadores que começam lá sobre... o que é ciência... o que é fazer ciência? [...] Quando ele diz que sua conclusão vale pra fazenda do seu Jão... mas não vale pra fazenda do seu Antônio... isso é especificidade do estudo... ele não sabe o que é fazer ciência... né... então são esses tipos de construções que vão nos direcionar na redação científica [...]”. (grifo nosso) (Aula 2)

RC5: “[...] A questão não é a especificidade... é o que você faz com ela... é o que o pesquisador vai fazer com essa especificidade... qual a abordagem dele com esse problema... se ele achar que de fato fazer ciência é ficar descrevendo coisas pontuais... ele vai dedicar toda sua carreira a isso... e aí provavelmente não vai trazer grandes acréscimos [...]”. (grifo nosso) (Aula 18)

Nesses trechos, é possível ser notada a sobreposição do discurso do fazer científico com base em generalizações ao discurso do fazer científico baseado nas singularidades e especificidades. Para o professor, uma

pesquisa que descreve somente a “fazenda do seu João” (RC4) não pode ser considerada científica se não contempla as características da “fazenda do seu Antônio” (RC4). Desse modo, resultados pontuais, como mostram os exemplos citados, não são valoráveis para o desenvolvimento da própria ciência, demarcando, claramente, de qual lugar tal discurso é veiculado, ou seja, o campo das Ciências Naturais e Exatas, as quais, socialmente, são dignas de distinções e enaltecimentos perante a sociedade em geral. Por esse motivo, não há como conhecer as estratégias da escrita/redação científica sem antes se caracterizar qual o campo da ciência de que estamos tratando.

Tal é a relevância desta questão, nas videoaulas, que os próprios títulos trazem marcas referentes a este cenário; vejamos as expressões “curso lógico” ou “alto impacto”. O adjetivo lógico, advindo do substantivo “lógica”, com origem no termo grego *logiké*, está relacionado com o *logos*, com a **razão**, dialogando, assim, novamente, com o campo no qual tais videoaulas estão inseridas.

Já a expressão “alto impacto” dialoga com o fator de impacto utilizado pelas agências fomentadoras de pesquisas, por se tratar de uma medida que reflete o número médio de citações de artigos científicos publicados em determinado periódico, de modo a avaliar sua importância em determinada área. Como a vontade de medir acompanha o homem desde o começo de sua história, as medições e as comparações passaram a ser pilares importantes da construção do conhecimento, tornando-se temas centrais na ciência. Logo, não era de se estranhar que a própria ciência sofresse as coerções da medição, a qual tem, atualmente, como matéria-prima os artigos científicos. Esse discurso, como o do valor da objetividade, da generalidade e da investigação lógica, materializam-se nas videoaulas.

### Considerações Finais

Para finalizar, percebemos como as videoaulas de escrita/redação científica denotam sentidos tendo em vista o lugar de onde são proferidas e constituídas. A partir daí, pudemos observar, através de sua própria maneira de constituir-se, a ideologia nelas presente, assim como o querer-dizer de suas enunciações. O discurso proferido pelo “professor-apresentador” das videoaulas não é tido como uma única voz refletida e refratada deste cenário, mas sim como uma apropriação de vozes sociais arraigadas na constituição da própria ciência.

O nosso *corpus*, videoaulas de escrita/redação científica, traz, assim, uma concepção de ciência que dialoga abertamente com a concepção

de ciência pautada em um conjunto de descrições, leis, modelos, etc. O indivíduo que apresenta as videoaulas analisadas parte de conteúdos já estabilizados tanto em relação à estruturação de se escrever/redigir cientificamente, como de que maneira se deve escrever/redigir, posto que pertence a um específico tipo de ciência que promove uma compreensão do ato científico a partir da ótica de um grupo social privilegiado, as Ciências Naturais e Exatas.

Somado a isso, outro fato relevante de se notar neste nosso estudo é a imposição do gênero artigo científico na esfera científica trazida pelas videoaulas como modo de retratar a própria escrita/redação científica. Em razão dos interesses econômicos apregoados pelo capitalismo vigente, bem como da aplicação de recursos das instituições de fomento à pesquisa terem como meta, na maioria dos casos, o caráter quantitativo e experimental de se fazer pesquisa, escrever/redigir cientificamente também passou a ser um tipo de mercadoria. Logo, como os artigos científicos, principalmente nesta área das Ciências Naturais e Exatas, assumem a missão de difundir objetivamente um conhecimento científico a um determinado (ou determinados) público(s), quando se pensa em ensinar/divulgar modos de se escrever ou redigir de maneira científica, são os artigos que servem como base para este tipo de divulgação.

Assim como foi dito por Bakhtin (1997) que a utilização de determinados gêneros reflete a situação social, política e econômica de uma determinada época, os artigos científicos assumem, nas videoaulas que analisamos, a missão de serem eles o modo de transmissão das informações científicas na sociedade atual.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans l'écrit. DRLAV – **Revue de Linguistique**, Paris, nº26, p. 91 –15, 1982.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 11-27.

- 
- CHAGAS, A. P. **A Ciência confirma o espiritismo?** O Reformador. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.
- CHIBENI, S. S. **O que é Ciência?** Campinas: UNICAMP, 2013.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo:** As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Parábola, 2009.
- \_\_\_\_\_. Autor e Autoria. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.
- FREIRE-MAIA, N. **A ciência por dentro.** 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários.** São Paulo: Contexto, 2012.
- RODRIGUES, S. G. C.; LUNA, M. J. de. A produção discursiva nas ciências exatas e a constituição do autor-pesquisador. In: MOURA, V.; DAMIANOVIC, M. C.; LEAL, V. (Org.). **O ensino de línguas:** Concepções & práticas universitárias. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre a Ciência.** Porto: Afrontamento, 1997.